



SILVA, Camila Sousa da ¹

REFLEXÕES SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS CAUSADAS PELA GLOBALIZAÇÃO: NOVAS DEMANDAS AO PROCESSO DE FORMAÇÃO

Resumo: O cenário apreciado neste artigo envolve os aspectos das mudanças sociais ocorridas com a globalização no que diz respeito ao comportamento das pessoas de se deixarem ser guiadas pelo que determina o capitalismo, gerando assim o consumo desenfreado. A pesquisa foi realizada por meio de um estudo bibliográfico, contemplando autores que contribuem para o diálogo que está sendo proposto. Tem por objetivo de destacar a contribuição que a educação pode exercer para o desenvolvimento de novas percepções sobre a realidade, pensando uma formação para além da simples instrução. O conceito de formação visto dessa forma exige um olhar além daquele pautado no conhecimento técnico, que determina a racionalidade-instrumental. Propõe-se uma reflexão sobre a educação para a libertação, considerando que o objetivo desta é completar a humanidade da espécie, por isto caracteriza-se como um processo constante e inacabado. O processo de humanização requer que se pondere sobre as exigências que as transformações sociais impõem à formação. Nota-se que a educação, apesar de não ser a única responsável para mudar esta situação, muito pode contribuir neste contexto, sendo uma chave para que o humano se torne mais crítico e reflexivo, inclusive, para que seja mais consciente em relação ao que consome. Este é o desafio da formação para humanidade, em busca de um mundo melhor.

Palavras-chave: Globalização; consumo; liberdade; formação.

Abstract: The scenario considered in this article involves the aspects of the social changes in the globalization in relation to the behavior of people let themselves be guided by the capitalism, thereby generating unbridled consumerism. Through a bibliographic study, contemplating authors that contribute to the discussion that is being raised. It aims to highlight the contribution that education can make to the development of new perceptions about reality, thinking about an education beyond simple instruction. The concept of education seen in this way requires a look beyond that based on technical knowledge, which determines instrumental rationality. It's proposed a reflection on education like a means of liberation, considering that its aim is to complete the humanity of the species, for this reason it is characterized as a constant and unfinished process. The humanization process requires that be considering all demands that social transformations impose on education. One notices that education, although not the only one responsible for changing this situation, can contribute in this context, being a key for the human being becomes more critical and reflexive, in order becomes aware of what consumes. This is the challenge of education for humanity, in search of a better world.

Keywords: Globalization; consumption; freedom; education.

¹ Mestra em Educação nas Ciências – Unijuí; Professora Adjunta na Faculdade de Balsas – Unibalsas; Licenciatura em Letras – UEMA; Graduação em Gestão Comercial – Unibalsas; Especialista em Gestão Financeira e Controladoria – Unibalsas; Especialista em Gestão Estratégica de Negócios - LFG.

1. INTRODUÇÃO

O direito ao desperdício, privilégio de poucos, diz ser a liberdade de todos. Diz-me quanto consumes e te direi quanto vales. Esta civilização não deixa dormir as flores, nem as galinhas, nem as pessoas. Nas estufas, as flores são submetidas à luz contínua, para que cresçam mais depressa. Nas fábricas de ovos, as galinhas também estão proibidas de ter a noite. E as pessoas estão condenadas à insônia, pela ansiedade de comprar e pela angústia de pagar. Este modo de vida não é muito bom para as pessoas, mas é muito bom para a indústria farmacêutica (EDUARDO GALEANO, 2017).

Diante desta reflexão sugerida pela frase de Eduardo Galeano (2017), busca-se suscitar um olhar atencioso à metamorfose que vive a sociedade contemporânea, causada especialmente pela globalização, pelo modelo de civilização desenvolvido pelo capitalismo e suas determinações, que demandam do processo de formação de novas perspectivas e direcionamentos. A busca acentuada por velocidade é uma das epidemias que assolam a sociedade, provocada por este padrão civilizatório, centrado no consumismo. Nesta caçada imposta, muito se perde da humanidade, pois já não é mais priorizada a qualidade de vida e a preocupação pela construção de um mundo melhor, comum a todos.

É nesse aspecto que mora o perigo da velocidade, pois para as pessoas, acaba se tornando descartável, com uma rapidez imensa, as máquinas digitais, os processos tecnológicos e até mesmo seus sonhos de vida. Esta obsolescência é algo já programado pela sociedade do consumo, aqueles que buscam despertar nas pessoas o desejo sempre novo de adquirir produtos atuais e alimentarem sonhos diferentes, fazendo perder o valor daquilo que já possuem, não mais interessados na realização pessoal de cada um, e sim com foco na base do capitalismo, que é o lucro.

As pessoas vivem em uma ânsia por

acelerar os processos e nisso são imersas em uma pobreza intelectual, por vezes até despercebida, mas bem alimentada por elas mesmas e pelos instrumentos que a evolução tecnológica lhes oferece, uma vez que permitem a outrem, pensar e escolher no seu lugar.

As características desenvolvidas por este contexto reclamam por inovações pedagógicas, especialmente, o maior envolvimento com as questões sociais e humanas, a busca por uma formação mais geral e abrangente, que contemple ingredientes adicionais, que supere a visão restrita do ensinar um determinado fazer.

Para tal, o texto propõe uma reflexão sobre as características da sociedade contemporânea, especialmente no que diz respeito ao consumismo, levando a perceber o homem consumista como uma identidade construída para satisfazer a sociedade do capital e do consumo. Um indivíduo que se deixa levar pelos modismos opulentos, que podem gerar crises de identidade, uma vez que o homem se torna orgulhoso por deixar de constituir um eu pessoal para ser um artigo industrial.

Tendo em vista o cenário exposto, busca-se por meio do texto pensar em como a formação pode contribuir para um maior esclarecimento. E que nesse sentido, seja direcionada à emancipação do cidadão, para que não se deixe prender às amarras do capitalismo e não permita que sua identidade e personalidade sejam impostas por aqueles que têm a intenção de fazê-lo com objetivo de apenas aumentar o capital e contribuir para o crescimento do poder que a minoria exerce sobre os demais.

2. AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E O CONDICIONAMENTO A MODIFICAÇÕES NO SENTIDO DE FORMAÇÃO

A educação está presa ao processo socioeconômico, cujas características e perspectivas condicionam o processo de formação,

atribuindo-lhe novo sentido, novos objetivos e, ainda, novos centros de preocupação. Dialogando neste mesmo debate, Flickinger (2010, p. 178) assinala que “a concepção de formação como diretriz para os esforços educativos vê-se profundamente afetada e até mesmo transformada por esta dinâmica”. Quanto a esta relação cabe à educação, especialmente em espaços formais, maiores desafios aos quais terá que se posicionar e responder para que não fique à margem desse processo de mudanças constantes, que implica em nova hierarquia de valores.

Apresenta-se agora uma sociedade cuja orientação não se dá mais pelas necessidades do homem, mas pelo que exige o capital. Como membros de uma autêntica sociedade capitalista o homem encontra-se direcionado ao mercado de trabalho e Flickinger (2010) destaca que é a inserção no mercado de trabalho que proporciona ao indivíduo ser reconhecido como componente valioso da comunidade.

O fenômeno da globalização é um aspecto ao qual a educação não tem como fugir. O debate sobre a formação, as mudanças sociais que geram consequências diretas ao campo educacional está, geralmente, ancorado a este evento. E a partir dessa preocupação são diversos os aspectos que merecem ser colocados em pauta para que a educação se cumpra, considerando que ela “tem como objetivo completar a humanidade do neófito” (SAVATER, 2012, p. 136). O indivíduo não nasce pronto, ao contrário disso, se não passar pelo processo de educação, desde os seus primeiros dias não chega a se constituir humano. Para ilustrar esta ideia, Savater (2012) compara o humano aos alimentos pré-cozidos, que para ficarem prontos, precisam ainda de um tempo no micro-ondas e acrescenta que “nós humanos nascemos aparentemente cedo demais, sem estarmos totalmente consumados” (SAVATER, 2012, p. 25).

Então, quando se pensa em formação para inserção e adaptação a este mundo comum, seria impertinente não considerar exatamente o contexto onde estão inseridos os sujeitos e almejar realizar a tarefa de formação como algo desligado deste meio. O processo de globalização é

considerado um elemento agravante que atinge o sistema de formação, segundo Flickinger (2010, p. 186) “inicialmente concentrado na esfera econômica, esse processo penetra, passo a passo, as mais diversas áreas de nossas sociedades, inclusive a cultura e o campo de formação”.

Um sinal de alerta é acionado por Santos (2015) sobre o perigo da globalização devido seus efeitos não atingirem de forma igualitária os sujeitos da mesma história, visto que

os últimos anos do século XX testemunharam grandes mudanças em toda a face da Terra. O mundo torna-se unificado – em virtude das novas condições técnicas, bases sólidas para uma ação humana mundializada. Esta, entretanto, impõe-se à maior parte da humanidade como uma globalização perversa (SANTOS, 2015, p. 37).

O autor destaca o processo [de globalização] como causador de um efeito perverso à humanidade, quando mostra que

a perversidade sistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas. Todas essas mazelas são direta ou indiretamente imputáveis ao presente processo de globalização (SANTOS, 2015, p. 20).

O aspecto principal quando se trata da globalização é o quanto, neste processo, nega-se da humanidade, visto ser um movimento que seleciona e traz os benefícios para uma minoria e a grande maioria fica à margem, apenas procurando se adequar à forma do que lhes é imposto. Pode-se assim chegar à conclusão de que “habitamos em um mundo em que certas coisas se globalizaram, mas ainda resta muito a ser globalizado” (SAVATER, 2012, p. 167). Isto considerando que a globalização é tida como perversidade especialmente pelo fato de que a única crise com que se preocupa em melhorar é a crise econômica, visto que “mundializam-se os interesses econômicos, mas não se consegue mundializar o interesse pelos direitos básicos da pessoa humana” (SAVATER, 2012, p. 168). Ao encontro desse

entendimento está a ideia de que “a globalização mata a noção de solidariedade, devolve o homem à condição primitiva do cada um por si e, como se voltássemos a ser animais da selva, reduz as noções de moralidade pública e particular a um quase nada” (SANTOS, 2015, p. 65).

Nota-se que as prioridades deste sistema estão voltadas para o capital e Flickinger (2010) sublinha ainda que as transformações vividas nas mais variadas esferas sociais têm servido em primeiro lugar “para aperfeiçoar e sofisticar o domínio da lógica econômica sobre o ser humano” (FLICKINGER, 2010, p. 179). Então há dívida com o próprio humano por não legitimá-lo humano no processo de civilização, assim,

como a humanização é um processo no qual os participantes dão uns aos outros aquilo que ainda têm para, por sua vez, recebê-lo dos outros, o *reconhecimento* do humano pelo humano é um imperativo na via do amadurecimento pessoal de cada um dos indivíduos (SAVATER, 2012, p. 51).

Um dos fatores que sob a análise de Milton Santos (2015) é útil para mostrar a estrutura da globalização atual é a convergência dos momentos. No entanto, a informação global em tempo real não é ainda um fenômeno verdadeiro porque a mediação é feita pelas grandes empresas de informação, então “a ideologia de um mundo só e da aldeia global considera o tempo real como um patrimônio coletivo da humanidade. Mas ainda estamos longe desse ideal, todavia alcançável” (SANTOS, 2015, p. 28). Este quesito já possibilita identificar a característica de seletividade do processo de globalização, em que

a história é comandada pelos grandes atores desse tempo real, que são, ao mesmo tempo, os donos da velocidade e os autores do discurso ideológico. Os homens não são igualmente atores desse tempo real. Fisicamente, isto é, potencialmente, ele existe para todos. Mas efetivamente, isto é, socialmente, ele é excludente e assegura exclusividades, ou, pelo menos, privilégios de uso (SANTOS, 2015, p. 28).

A grande fragilidade do movimento parcialmente global é esta seletividade de distribui-

ção de benefícios, pois “quando os projetistas do futuro planejam o amanhã – principalmente movidos pela lógica apenas do lucro - miram o que lhes convém, descuidando das motivações das vítimas potenciais do progresso” (BAZZO, 2015, p. 101). Cada vez estão maiores os abismos entre os grupos sociais, e a tendência da dinâmica com que se desenvolve este sistema é aumentar ainda mais estes espaços que separam as diferentes classes, “todavia, podemos pensar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana (SANTOS, 2015, p. 20).

Assim Morin (2011, p. 7) também destaca que “a mundialização do mercado econômico, sem regulação externa nem verdadeira autorregulação, criou novas pequenas ilhas de riqueza, mas também zonas crescentes de pobreza”. São diversos os aspectos que envolvem a questão social, causados pela globalização e pela intensa ascensão do capitalismo, que envolvem as relações sociais, a constituição do eu, que por meio delas acontece, enfim na definição dos principais aspectos que caracterizam a sociedade. Além disso, segundo Harvey (1998),

as propensões sociais e psicológicas, como o individualismo e o impulso de realização pessoal por meio da autoexpressão, a busca de segurança e identidade coletiva, a necessidade de adquirir respeito próprio, posição ou alguma outra marca de identidade individual, têm um papel na plasmação de modos de consumo e estilos de vida (HARVEY, 1998, p. 118).

Devido ao intenso debate sobre o consumismo e os condicionamentos que o capitalismo impõe a uma sociedade reconhecida consumista, apresenta-se em seguida uma reflexão sobre como acontece essa mediação especialmente estabelecida pela mídia e os interesses que busca alcançar, visando reconhecer o papel do humano nesta dinâmica e onde o processo de formação poderia contribuir para mudar os rumos desse enredo.

3. O CONSUMISMO COMO CENTRO DO MODELO CIVILIZATÓRIO CONTEMPORÂNEO: NOVA DEMANDA AO PROCESSO DE FORMAÇÃO.

O fator mais impressionante no que diz respeito às transformações sociais é exatamente a velocidade com que elas acontecem e o quanto a tecnologia surpreende cada vez mais, por exemplo, com aparelhos capazes de conectar pessoas de diferentes lugares do mundo com muita facilidade. Por outro lado, neste mesmo movimento, afasta pessoas que estão em frente um para o outro. Observa-se, na realidade, um condicionamento humano a viver em velocidade. Como aponta Bazzo (2015, p. 124),

através de um comando tecido pelo próprio organismo social, somos sub-repticamente convencidos a não dar mais tempo para nós mesmos. Reflexões humanas, encontros pessoais, afetos trocados por olhares e toques parecem coisas do passado ou de quem não pertence mais às tribos modernas, que consideram a eletrônica a única prova do progresso humano que nos interessa.

Estas mudanças frenéticas fazem parte da vida humana e abrem espaço para que até mesmo a identidade e os estilos de vida sejam impostos pelo grande manipulador social, a mídia. Esta se esforça cada vez com maior veemência para vencer que só serão felizes aqueles que tiverem posse dos bens de consumo mais atuais. Vale ressaltar aqui também a rapidez com que estes bens tornam-se obsoletos e conseqüentemente, indesejáveis. E na ânsia por velocidade acaba-se por perder a essência da busca humana por uma vida melhor, por alcançar aquela meta que, na verdade, está sendo sempre substituída por outra mais atual, considerada que tem mais valor. Fica então o questionamento:

Até onde vamos nós todos? Não sabemos, até porque nem temos tempo para pensar sobre isso. O consumo exorbitante, motivado pela aceleração de atingir não se sabe onde e o que, domina nossas vidas. Estamos sempre consumindo exageradamente porque temos muita pressa. Conseqüentemente, por estarmos apressados, não dis-

pomos de tempo para nos envolver profundamente com a família, namorado(a) e amigo(a)s (BAZZO, 2015, p. 129).

O ser humano, a partir de sua constituição é direcionado à tarefa de se afirmar aos outros, no sentido de ser aceito e querido pelos grupos sociais dos quais faz parte. Conforme Savater (2012, p. 28-29), o “ser humano consiste na vocação de compartilhar com todos o que já sabemos, ensinando os recém-chegados ao grupo o que devem conhecer para se tornar socialmente válidos”, e imersos nesta dinâmica é que a educação, desde a familiar, inclui na busca permanente por esta certificação de um integrante válido ao grupo social. Assim, na sociedade contemporânea, em grande parte, são considerados insensatos aqueles que renunciam ingressar no jogo do consumo.

Por muitas vezes, inconscientemente as pessoas estão se movimentando de acordo com o que determina a mídia, considerando que assim estão alcançando a felicidade, objetivo comum aos humanos. Isso decorre, também, do fato de que o consumismo, segundo Santos (2015, p. 49), “leva ao emagrecimento moral e intelectual da pessoa, à redução da personalidade e da visão do mundo, convidando, também, a esquecer a oposição fundamental entre a figura do consumidor e da figura do cidadão”. Devido à forte pressão prescrita pelo consumo, por meio da mídia, e em defesa à constituição de identidade, importa destacar a missão que “a mudança mais importante aberta pelas novas demandas da educação é que ela deverá incorporar de forma sistemática a tarefa de formação da personalidade” (SAVATER, 2012, p. 50).

O que a mídia realiza é um trabalho muito inteligente, pois coloca a felicidade, esse algo que as pessoas estão sempre em busca, em um patamar que nunca se vai alcançar, pois a cada inovação tecnológica, aquilo que já foi conseguido torna-se já insignificante. Devido à identidade se estabelecer no contato com o outro, muitas vezes prevalece nas deliberações a opção pelo que o grupo considera mais atual, sofisticado e que o eleva ao topo da pirâmide da autorrealização.

O apelo da sociedade capitalista por sujeitos que não pensam, mas que apenas tenham atitudes guiadas pelo que lhes é prescrito pode ser expresso pela exclamação do financista, conforme exemplificada por Kant (2012, p. 65) “não raciocineis, mas paguei!”. Esta sociedade não quer sujeitos críticos-reflexivos, pois estando eles alheios à reflexão e ao pensamento crítico, fica mais fácil ser o guia de suas escolhas, de seus desejos e até mesmo dos seus modos de vida. Perante este contexto aflora o que Bazzo (2015) denomina chamado cívico. Este, por sua vez,

conclama uma sociedade capaz de atender generosamente às necessidades irreduzíveis das crianças e dos jovens no mundo sem transformar adultos em crianças ou seduzir crianças ao consumo em nome de uma capacitação vazia através de uma cultura da padronização (BAZZO, 2015, p. 155-156).

Não é interesse dos que estão na direção do processo capitalista contribuir para que as pessoas possam “emergir da menoridade e empreender então uma marcha segura” (Kant, 2012, p. 65). Conforme assevera Santos (2015, p. 49),

o consumo é o grande emoliente, produtor ou encorajador de imobilismos. Ele é, também, um veículo de narcisismos, por meio dos seus estímulos estéticos, morais, sociais; e aparece como o grande fundamentalismo do nosso tempo, porque alcança e envolve toda a gente.

Esta ideia vem ao encontro da percepção de Bazzo (2015, p. 153) quando destaca que “é mais fácil ser criança do que adulto, é mais fácil brincar do que trabalhar, é mais fácil olvidar do que assumir responsabilidades”. Em contrapartida, Mariotti (2010, p. 3) ressalta que “além de ser inerente à condição humana, pensar não nos faz mal. O que faz mal é nos fecharmos para o pensamento e, assim, tornarmos-nos presas fáceis de condicionamentos e manipulações”.

Segundo Goergen (2005, p. 1007), “do ponto de vista do educador, pode-se dizer que sua influência educativa deve contribuir para um sujeito consciente e autônomo, capaz de decidir que atitudes tomar que, na busca da felicidade,

preservem tanto interesses individuais quanto sociais”, que este sujeito tenha autonomia para fazer suas escolhas de acordo com sua vontade, tendo em vista o outro, mas não por imposição e obedecendo apenas o que lhe é externo, que não permita a total anulação do eu.

Daí emerge o grande apelo por uma educação crítico-reflexiva, mais envolvida com as questões sociais, com os problemas humanos, pois se o formador de profissionais, por exemplo, atua como mero transmissor de técnicas e conteúdos está destinado a suprir a sociedade do consumo e do espetáculo e não as necessidades de desenvolvimento de formação humana. Bazzo (2015, p. 155) afirma que “estamos ensinando jovens – eis aqui novamente o contexto do Ensino Médio – a serem consumidores, não cidadãos. Isso tolhe a liberdade futura”. E como a educação tem a missão de educar para a liberdade, vale destacar que,

para vivermos livremente, necessitamos de conhecimento do mundo. As questões políticas, sociais, enfim as humanas, não podem apenas tangenciar a educação. Elas são definidoras. Não podem ficar ausentes. Não educamos para o desenvolvimento tecnológico, mas para a civilidade (BAZZO, 2015, p. 155).

Tratar de assuntos como a civilidade no contexto atual parece supérfluo e não interessante, para melhor esclarecer, vale observar que

hoje, nas condições de hiperconsumismo, o chamado cívico parecerá a muitas pessoas a palavra vazia; e a cidadania global, um sonho utópico. Não temos uma fórmula para concretizá-los. Mas a realidade da interdependência os torna tanto necessários quanto, em longo prazo, inevitáveis (BAZZO, 2015, p. 156).

As técnicas desenvolvidas, em grande parte, são tanto mais válidas e eficientes quanto eximem do homem a necessidade de pensar, aí temos o sujeito moderno robotizado, em que as máquinas façam o máximo daquilo que eles precisariam gastar um pouco de tempo para desenvolver e nesse aspecto é que então a mídia aproveita para convencê-las da necessidade de

adquirir determinados bens, fazendo assim peregrinar seu status.

Há então a ideia de que quando alguém decide educar o outro, de certa forma, está se responsabilizando pelo mundo comum, dessa forma, “para que uma família funcione educacionalmente é imprescindível que alguém nela se resigne a ser adulto” (SAVATER, 2012, p. 62).

Dessa forma a sociedade vai criando um círculo e como em um processo natural as pessoas vão se inserindo nesse jogo de regras pré-estabelecidas por aqueles que têm o poder de normatizar, de criar estas regras e aos demais compete apenas a alienação. Esta [a alienação] é inclusive, o principal recurso utilizado pela lógica do consumo.

Aqui fica uma deixa para a educação de que um alargamento do espaço destinado à reflexão e discussão nos espaços escolares pode ser um forte aliado na luta contra esta alienação. Imersos neste estado de ignorância as pessoas nem percebem que as realizações alcançadas por meio do consumo impensado é algo momentâneo, um prazer efêmero, pois, como já mencionado, os bens adquiridos logo deixam de ser novidade, extinguindo assim o sentimento de felicidade que pensava ter alcançado. Conforme Bazzo, (2015, p. 128) “nessa cultura do descarte, vivemos num ciclo vicioso aparentemente infringível: a tecnologia suscita velocidade que deve ser logo suplantada”.

Nesta dinâmica, é possível perceber que, de certa forma, a felicidade tem sido definida pelo mercado consumidor e assim a própria mente humana sendo moldada pelo sistema capitalista. É tanto que a base do sistema capitalista já não é mais produzir mercadorias, mas sim necessidades, inclusive, segundo Milton Santos (2015, p. 48), “atualmente, as empresas hegemônicas produzem o consumidor antes mesmo de produzirem os produtos”. Assim, o próprio *marketing* constrói o novo consumidor instruído a desejar sempre adquirir novos bens, acreditando que por meio deles possa ter mais liberdade, mais conforto, mais satisfação, mais status que o anterior. Então os bens que antes eram elaborados para solucionar os problemas e assegurar melhores con-

dições de vida são agora descartados em grande celeridade em busca de lucro.

Desde a inserção do indivíduo no mundo humano, pelo processo de humanização, é ensinado a escolher o que lhe garante segurança, prazer e assim, um bem estar psicológico. É devido à civilização que novas necessidades são despertadas nos humanos, a partir da relação com os demais, o que os fazem passar das necessidades básicas de sobrevivência àquelas determinadas socialmente, que levam à autorrealização. Então, a busca pela felicidade, que antes funcionava como um truque para que se pudesse aperfeiçoar as chances de sobrevivência, tornou-se vício e justificativa para permanecer imerso no jogo do modelo capitalista. Sobre esta situação, Bazzo alerta que,

sendo o consumo desenfreado a principal incógnita para a aproximação entre as culturas profundamente calcadas entre *ser e ter*, me parece de importância capital pensar sobre o comportamento dos jovens, que estão expostos a uma mídia comprometida com os preceitos do consumo (BAZZO, 2015, p. 150).

Considerando a citação, observa-se que, na responsabilidade pelo mundo, é necessário pensar em como contribuir para facilitar, ser mediador dessa geração na escalada para o esclarecimento. Perceber que uma educação propícia pode guiar o homem a aspirar apenas o necessário, até mesmo para sua realização, mas que seja uma atitude pensada por si mesmo, sendo reconhecedor de suas necessidades. Isto até mesmo pela característica humana já citada no início do texto, que é a inconclusão, conforme Savater (2012, p. 26) “os indivíduos da nossa espécie permanecem, até o fim de seus dias, imaturos, tateantes e falíveis, mas em certo sentido sempre juvenis, ou seja, abertos a novos saberes”. A característica humana de incompletude como fundamento para a constância da educação é trabalhada também por Freire (2014, p. 57) quando afirma que “é na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente” e acrescenta ainda que “não foi a educação que fez homens e mulheres educáveis,

mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade” (FREIRE, 2014, p. 57).

O desafio da didática não se reduz ao educacional como função de instrução, mas o educacional imerso nas questões sociais, porque educação não é treinamento, mas construção de aptidão para o reconhecimento e resolução dos problemas civilizatórios, tanto em perspectiva própria quando na coletividade.

Mesmo ciente de que este compromisso não é unicamente da educação, ela pode ser destacada como uma possível fuga da civilização no que diz respeito ao enérgico vício por consumir. Então, é pertinente desenvolver uma ação educativa que busca emancipar o homem da tirania do capital e mercadológica, pois “sem dúvida, um objetivo explícito do ensino, modernamente, é conseguir indivíduos autenticamente livres” (SAVATER, 2012, p. 89).

Ainda nas palavras de Savater (2012, p. 89), “a liberdade não é a ausência de condicionamentos, mas a conquista de uma autonomia simbólica por meio do aprendizado, que nos aclimata a inovações e escolhas só possíveis dentro da comunidade”.

A partir dessa percepção, pensar a formação voltada apenas para a racionalidade instrumental, seria orientada a atender as demandas do mercado e, conseqüentemente, o homem se veria “tratado como que um apêndice de um mundo regido pela lógica meramente material” (FLICKINGER 2010, p. 186). Segundo Flickinger (2010, p. 186), “o sistema de formação em vigor aplica a maior parte de seus esforços na adequação dos jovens à racionalidade instrumental como fio condutor da sociabilidade” e esta ideia é válida também para a questão do consumismo, pela forma como é exposto e até mesmo imposto pela mídia, conforme já apresentado no texto. Assim, é pertinente pensar de que maneira melhor conduzir os debates no processo de formação de modo que a sociedade possa livrar-se assim da tirania do capitalismo/consumismo, especialmente para não se tornarem meros objetos, *artigo industrial*, sendo movimentados como marionetes, pelas mãos do grande tutor, o capital.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de fechamento da ideia proposta pelo texto, considera-se relevante e bastante pertinente para a reflexão, o que Savater aponta sobre a equação que envolve a cultura e o dinheiro: “quanto menos preparo cultural autêntico as pessoas têm, mais dinheiro precisam gastar para se divertir num final de semana ou durante as férias” (SAVATER, 2012, p. 170). Esta proposição deixa claro que, mesmo não sendo único responsável e tão pouco, completamente suficiente, o processo de formação pode muito contribuir para a redução do domínio do consumismo sobre as pessoas e, assim, contribuir para a quebra do individualismo, pois o que se percebe é que hoje as pessoas estão sempre muito apressadas, não dispõem de muito tempo para o outro. Já não se permitem até mesmo reconhecer para si o que é necessário para sentir-se realizado, pois civilizadamente consumistas, são os filmes de *hollywood* que os ensinam com o que devem sonhar², inclusive a própria ideia de casamento como algo negativo e os tipos de relações que se têm com a família são vendidas pelos filmes.

Pensar em uma educação mais abrangente é, também, levar os alunos a refletirem sobre tais situações, pois sendo eles os que ficarão responsáveis pela continuidade do mundo, é imprescindível pensar que pessoas estão sendo formadas para esta missão. Refletir sobre até que ponto a formação está contribuindo para o afastamento da dimensão natural da espécie e tornando-o realmente humano, portador de uma cultura sadia e não amarrada aos interesses do capital. Nesta proposição se encontra “o porquê” da educação. Educa-se para constituição de mundo comum, para preparação do indivíduo para interagir na coletividade. E, ainda, por acreditar nesta construção de um mundo melhor, na possibilidade de mudanças nestas percepções.

É válido ainda fazer uma reflexão sobre a alucinação por velocidade a que o processo civilizatório condiciona as pessoas, pois ela pode estar paralisando a mobilidade humana e eliminando a sensibilidade. É necessário que estejam preparados de diversas formas para interagir nes-

²Fala do professor Paulo Fenstersifer na aula de Ética e Formação, no Programa de Mestrado e Doutorado em Educação nas Ciências, da Unijuí.

te mundo veloz e este preparo envolve também o não esquecer a essência humana, a sua identidade e o olhar para o outro, pois é por meio da interação com o outro que o “eu” se constitui.

5. REFERÊNCIAS

BAZZO, Walter Antônio. **De técnico e de humano: questões contemporâneas**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2015.

FLICKINGER, Hans-Georg. **A caminho de uma pedagogia hermenêutica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GALEANO, Eduardo. **O império do consumo**. Disponível em < <https://www.cartacapital.com.br/economia/o-imperio-do-consumo> > acesso em 14/07/2017.

GOERGEN, Pedro. **Educação e valores no mundo contemporâneo**. In: Educação Social, Campinas – SP, vol.26, n.92, Out. 2005.

KANT, Immanuel. **Immanuel Kant: textos seletos**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MARIOTTI, Humberto. **Pensamento complexo: suas aplicações à liderança, à aprendizagem e ao desenvolvimento sustentável**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MORIN, Edgar. **Rumo ao abismo? Ensaio sobre o destino da humanidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 24. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SAVATER, Fernando. **O valor de educar**. 2. ed. – São Paulo: Planeta, 2012.